

Civilização e Contemporaneidade

O PROCESSO DE INVENÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE A PEREGRINAÇÃO DE ELIAS NA TRANSFORMAÇÃO DOS CÂNONES SOCIAIS

Sabrina Aparecida de Lima¹ UFV/DES limasabrina2006@ig.com.br

Resumo: O objetivo do presente estudo é a análise das transformações dos cânones sociais que de acordo com a definição de Norbert Elias tem como essência a base ideológica, política e social dos pilares que regem o comportamento da sociedade. Nesse contexto, temos como alvo da delimitação histórica da sexualidade e da invenção da heterossexualidade. A metodologia utilizada é a análise do discurso e paralelamente a literatura comparada como elemento constitutivo do embate intelectual sobre essas transformações comportamentais. Por fim, temos que a sociedade caminha diante de mudanças contínuas e a sexualidade não fugiu a essa regra.

Palavras-chave: Sociedade, Cânones Sociais, Heterossexualidade.

Abstract: The study objective the goal analysis of the transformations of social standards that in accordance with the definition of Norbert Elias has very basic ideological, political and social pillars that govern the behavior of the society. In this context, we have historical as demarcation of sexuality and the invention of heterosexuality. The methodology used is the discourse analysis and comparative literature at the same time as constituent part of the intellectual tie on behavioral these transforms. Finally, we have that society is moving forward continuous change and sexuality not fled to this rule.

Keywords: society, social standards, heterosexuality.

A Peregrinação

A sociedade é a miscelânea de elementos estruturais construída, fundamentalmente, nas formas das condutas e comportamentos sociais, apoiada nas atitudes políticas, contemplada economicamente pelos pecuniários lícitos e expressada nas formas culturais. Os pilares que regem as bases do conhecimento da sociedade humana são as mudanças ou transformações mentais de grupos e líderes na assunção ideológica do poder em cada momento histórico, passando por modificações, ao longo do tempo, atreladas, a sua maneira, filosófica e sociológica incorporadas ao cotidiano.

Viver em sociedade é algo que implica conviver com as diferenças e individualidades. Guerras ideológicas no campo da religião, etnicismo e sexualidade parecem trazer maior audiência do que a respeitabilidade do outro. O assunto aqui, diz respeito à sexualidade e mais especificamente, neste estudo, a invenção da

¹ Graduação em Educação Física. Orientadora Dra. KOWALSKI, Marizabel – UFV – <u>belkowalski@ufv.br</u>

heterossexualidade na contrapartida da mudança dos cânones sociais da homossexualidade.

Direção: uma Ilha

O objetivo primeiro é refletir sobre o pretexto filosófico o contexto sociológico para com a mudança comportamental da sociedade com relação à assunção da heterossexualidade em declínio da homossexualidade ao longo do processo histórico. Questões sobre a orientação sexual irradiam o desconhecido e permeiam as interações sociais com preconceito e discriminação trazendo à tona, que os homossexuais buscam seus espaços e seus direitos. Alvos de escárnio e maldizeres, hoje não se postam mais como uma minoria. Mas nem sempre foi assim... Por muito tempo precisaram se esconder e se sentiram coagidos pela e na sociedade destituída do *conceito prefixal* HOMO.

O Guia

Como ponto de referência, identifico-me aqui como iniciante nos estudos de Norbert Elias, buscando elucidar em que ponto do processo civilizador esses conceitos prefixais apareceram!!! Que valores se sobrepuseram a aceitação das evidências conceituais para a nova ordem que se formava — a passagem da aristocracia para burguesia? Quais os argumentos que elevaram o *Hetero* à aceitação e o *Homo* ao declínio socializante?

O referencial teórico são as construções literais de Jonathan Ned Katz – *A Invenção da Hetero Sexualidade* – e Norbert Elias – *A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*, nas quais analisamos as mudanças dos cânones sociais em paralelo com os estudos da história na implementação da heterossexualidade como a nova ordem de orientação sexual humana.

As Edificações

a) Os cânones sociais

Em 1712, Antoine Watteau pintou a primeira versão de *O Embarque para a Ilha de Citera*, como pré-requisito para ingressar na Academia Real em Paris. Em 1983, diante da tela, Norbert Elias discorre sobre o quadro e seus elementos com perspicácia e riqueza de detalhes que encontramos na ambigüidade da tela – luminosidade e melancolia – que marcavam os diferentes tipos de recepção que Citera obteve ao longo do tempo. Elias prenunciou uma mudança na configuração social européia: o declínio da aristocracia e a ascensão da burguesia. Ensaio que reafirma o ponto de vista peculiar de Elias, expõe com clareza a mudança de mentalidade na Europa desde a Revolução Francesa até o final do século XIX, quando as utopias idealistas começaram a se transformar em medo e angústia. (Hermann Korte, 2005).

Para Kowalski (2005) questão principal de Elias, no ensaio *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*,

Orienta para a pergunta sobre a passagem de uma ordem social para outra e descreve essa transição particularmente em indivíduos que refletem tanto o passado quanto a novidade. Logo no início do texto, lemos: "A mudança de estilo Barroco para o Rococó, do estilo Luís XIV para a Regência, é uma mudança na conformação das próprias classes sociais. O corte profundo operado entre as formas do século XVIII e as do XIX é a expressão de ascensão de uma nova classe social ao poder, a burguesia industrial. No lugar do gosto e do estilo de corte, aparecem o gosto e o estilo burguês-capitalista". (Apresentação).

Entretanto, para um intelectual de final do século XIX Elias via nas mãos de pintores de corte que a natureza torna-se uma espécie de cenário nostálgico da vida cortesã,

uma paisagem clássica de início, depois barroca e, finalmente rococó, em conformidade com o desenvolvimento da própria sociedade de corte. (Sociedade de Corte. 233).

Elias deixa tudo por conta da utopia coletiva de representar pictoriamente na vanguarda literária transparecer – o mito moderno à ilha do amor, ao gosto público que dispunha agora de mais tempo para as necessidades humanas, como as do amor e para os sonhos em torno dos romances, o ideal da vida simples. Possivelmente o relato e a descrição de Elias podem parecer responsáveis pela idéia de uma natureza romântica e pura, como local de peregrinação utópica, ou seja, em vez do real, a imagem de um local que aparece como símbolo de nacionalismo, de um fictício santuário natural e romântico, tornando-se símbolo de desejo de conquista, uma utopia secular, ligando a antiguidade remota ao nosso tempo. O quadro de Watteau é a prova dessa continuidade e, ao mesmo tempo, da transformação – a crua realidade torna-se uma imagem maravilhosa e relativamente suave. Toda teatralidade, porém, está ausente. As figuras graciosas movimentam-se à vontade e Elias descreve uma realidade surreal conferindo à tela um caráter de inquietude artística, respectivamente ideológica.

Na interpretação de Watteau por Elias;

E, em contraste com a tranquilidade do antigo jardim com as copas verde-escuras das árvores e sua doce serenidade, a surda movimentação do cortejo dos amantes torna-se ainda mais intensa à medida que aqui, nessa claridade, os contornos de algo desconhecido, que não se deixa conhecer, perfis de construções que, precisamente por reluzirem como sombras através da névoa clara e radiosa, provoca um ligeiro arrepio, como sinal de perigo.(Elias, p. 21).

Elias mostra a gravidade, algo impenetrável e resignado, ao lado da alegria ruidosa e da intensa aflição dos personagens na tela de Watteau que na Academia Real de Paris chegaram a nomeá-la de "Uma festa Galante". Se colocarmos lado a lado as projeções de nossas próprias interpretações da tela de Watteau, pode parecer estranho que o quadro não tenha sido pintado em cores vivas e brilhantes de uma festa galante, nem com os sinais inconfundíveis da alegria antecipada pela festa do amor a vista. Por isso, Elias sugere uma hipótese "de que o quadro não deveria ser entendido como uma partida para a ilha do amor", remetendo a imagem a um acontecimento não definido e específico, entre os muitos eventos da época. Assim como a literatura de Alencar, o quadro de Watteau abriu espaço para um amplo espectro de sensações, podia ou pode, de acordo com o gosto da época, servir como motivo de sentimentos trágicos, de nostalgia lírica, assim como de alegria e escárnio.

Ao mesmo tempo, o título "*Uma Festa Galante*" dado ao quadro indica, mais uma vez, o quanto a contenção de Watteau na expressão dos sentimentos, a esquiva de grandes gestos e cores, exceto o pôr-do-sol, e a correspondente discrição da atmosfera essencial da obra permitem que o espectador projete suas próprias sensações, seus próprios desejos e sonhos, e que veja na tela aquilo que, antecipadamente, esperava ver.

Na França, no momento de Watteau, no lugar do velho Rei estava agora o regente. A alta nobreza sentiu no ar o aroma de novos tempos e, não apenas ela, em todo o país respirava-se alívio. A atmosfera algo seca e triste, que predominava nos últimos anos, transformou-se em seu contrário. No desenvolvimento do gosto artístico, essa mudança das estruturas de poder encontrou sua expressão na passagem do barroco tardio para aquilo que, mais tarde, depois da Revolução, seria descrito com uma expressão depreciativa, "rococó". Elias questiona então: Terá Watteau retocado seu projeto para corresponder ao clima de mudança na França? Não se sabe ao certo. O pintor era um homem de seu tempo, mas seguia muitas vezes caminhos próprios, devia, portanto levar em conta o gosto da época. Terá sido por essa razão que imprimiu ao quadro uma atmosfera crepuscular, por que isso lhe possibilitava pintar o que ele mesmo sentia em seu coração, a não raro perigosa peregrinação dos casais à ilha do amor, cuja premonição ameaçadora tornava visível no segundo plano? Será que, ao mesmo tempo, queria dar aos examinadores da

Academia Real de Paris, referências suficientes que vissem ali, respectivamente, a atmosfera da época e a especialização a ele atribuída, a representação de uma festa de amor galante? (Elias, p.32).

O que se pode dizer é que a recepção social dominante da *Citera* de Watteau mudou durante e após a Revolução Francesa. Mais uma vez evidencia-se a seletividade característica da recepção quando comandada por desejos e sonhos sociais dominantes. Para os franceses da época revolucionária e também, ainda para os pós-revolucionários, o caráter ideológico das pinturas do Antigo Regime era bastante evidente. O nome "rococó", que denunciaria a ridícula artificialidade da arte do início do século XVIII do ponto de vista do nascente século XIX, perdera há muito o espinho estigmatizante. A obra de Watteau também não escapou durante a Revolução, e logo depois, da condenação da sociedade. Poucos anos mais tarde, em 1808, *L'Embarquement pour l'isle de Cythère* foi banido das salas de exposição do Louvre.

Assim como as ideologias, as pessoas mudam, e também o seu gosto artístico. Entretanto, entre os especialistas, ainda é amplamente difundida a noção de que a mudança de gosto na arte e na literatura pode ser compreendida e esclarecida independentemente de transformações na sociedade e, particularmente, nas relações de poder. No caso da Citera de Watteau e da imagem ideal da viagem à ilha do amor a ela associado, é ainda mais impressionante constatar o tempo necessário antes que se pudesse ter a devida distância, para que, em sua contemplação, o encobrimento da recepção pela projeção de ideais próprios se amenizasse um pouco. Essas poucas vozes, do início do século XIX, sobre a obra de Watteau, talvez, sejam suficientes para lembrar que toda obra de arte com funções artísticas, assim como toda utopia pictórica ou literária, pode ter também, ao mesmo tempo, em ato ou potência, funções ideológicas. Com a Revolução, ganhar dinheiro com um trabalho profissional, principalmente com um trabalho no comércio, algo que era considerado pouco honroso, tornava-se, aos poucos, digno e, com o passar do tempo, a relação se inverteu. Passou a ser considerado desonroso não trabalhar. Assim o trabalho para ganhar a vida, antes tão desprezado, começou sua ascensão a uma posição social de alto valor, em estreita relação com um ethos igualmente austero no que se refere a dinheiro e amor, que agora se chamava "moral". No lugar da honra, surgiu a probidade. No lugar do amor galante, a moral burguesa da virtude. (Elias, p. 36 a 38, e Elias, N. Envolvimento e Distanciamento).

Após a Revolução Francesa e gosto artístico do grande público redireciona, seguia em grande parte, as inovações que vinham sendo desenvolvidas nos pequenos grupos de especialistas, que representavam, com freqüência, uma geração jovem em via de ascensão, seus sonhos e protestos contra o gosto e a ordem estabelecidos pelas gerações mais velhas. Foi em um grupo desse tipo que Watteau foi redescoberto. Gérard de Nerval liderava o círculo artístico da Rue du Doyenné. Elias cita que eram pequenos grupos de artistas da Boêmia. Para ele é possível que o termo "boemia" tenha origem nesses grupos. De toda forma, um de seus mentores, Gèrard de Nerval reuniu, nos anos de 1834 a 1837, algumas de suas produções literárias sob o título "Petits Châteaux de Bohème", algo como "Pequenos Castelos da Boêmia". Aos ouvidos contemporâneos, isso soaria como "Castelos Espanhóis", hoje em dia. (Elias, p. 42). Era um grupo de jovens artistas e escritores, românticos e conservadores, que procurava uma contra-imagem², um sonho, viver à fantasia, para compensar a rotina cinzenta e sóbria da sociedade burguesa. Acabaram

Florence Universitária, 1998.

.

² Ver Elias, Estilo Kitsch y Época Kitsch. In: Elias, N. La Civilización de los padres y otros ensayos.Barcelona: Grupo Editorial Norma, 1998. Ver também o Estilo Dândi por Patrice Bollon. A Moral da Máscara: Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks, Etc. Rio de Janeiro: Rocco, 1993 e ainda Michel Maffesoli. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Editorial

achando o que procuravam, que segundo Elias, "caindo talvez sem pensar, em uma restauração política, em um passado, particularmente na França pré-revolucionária do século XVIII" (p.43). Sonhavam com a alegria, com a beleza dos trajes que as pessoas então vestiam, com a graça e a elegância de suas festas, que tentavam copiar. O desprezo ao rococó cedeu lugar á admiração — o pêndulo oscilou para o outro lado. "Que tempos felizes!" escreveu Nerval quando redescobriram Watteau — "Havia bailes, jantares, festas de fantasia. Representavam-se velhas comédias..."

Nesse sentido para Elias, os jovens artistas percebiam também *Citera* de Watteau como a representação de uma festa do prazer. Mais uma vez, uma máscara aparecia diante da obra mais uma vez via-se o quadro, seletivamente, de maneira a relaciona-lo a ideais particulares, como representação pictórica de uma utopia coletiva. Olhando para o passado, com o objetivo de dizer o que Watteau representava para eles naquele momento, um dos membros do grupo da Rue de Doyenné contou que Watteau embarcara para a ilha das volúpias. Lá estava ele, desembarcado na praia, gritando: "Terra e Céu. É o mundo dos que buscam o amor, é o paraíso reencontrado".(p.43-44).

A utopia da ilha do amor não era uma utopia livresca e, certamente tampouco, uma utopia criada por eruditos. "Meus primeiros versos" escreve Nerval, "foram produto do entusiasmo da juventude, os segundos, do amor, os últimos, do desespero." (Elias, p.44). A desilusão com as utopias da própria juventude tornaram-se, desse momento em diante, um fenômeno freqüente e recorrente. Encontramos essa desilusão aqui, talvez, pela primeira vez sob a forma muito específica. O grande problema da transição da supremacia das utopias ideais para as utopias do medo e sua relação com características estruturais do desenvolvimento da sociedade permite pensar onde e quando as primeiras formas dessa passagem ocorrem. Aqui está uma delas:

Nerval estava tão encantado com a representação de Watteau do mito de *Citera* que, em uma viagem para o que então se chamava de Oriente, procurou visitar a ilha. O que narra é terrível. (...) Nerval narrou como, cheio de esperança e em parte impulsionado pelo quadro de Watteau, lançou-se para a ilha do amor. Imaginava *Citera* como a ilha da juventude, da beleza e do amor. Via córregos em flor, sonhava com os grupos extravagantes de peregrinos do amor, seus mantos de seda suntuosamente retratados, os barcos ornados com guirlandas. Lá encontrou, no entanto, uma ilha árida e odiosa que então, sob o domínio britânico, chamava-se *Cérigo*. O que tinha diante de si eram rochas nuas e, como sinal da crueldade humana, uma forca de três braços. De um desses braços pendia um corpo. "Foi" escreveu, "no solo de Citera que vi pela primeira vez um enforcado".(Elias,p.45).

A intimidade entre a vida e a poesia dispensava os homens do uso das linguagens – toda palavra era palavra de vida e palavra poética – no entanto a travessia do mar vai perturbar esta harmonia. Os silêncios de Nerval encobriam a palavra do domínio. Para ele, a adesão não podia ser senão momentânea e seu objetivo era subjuga-la pela sedução ou pela violência da imagem que aparece como o primeiro agente de um processo de corrosão lento e insinuante, violento que se chamou progresso e desenvolvimento. Processo que encontramos nos momentos de redenção apenas precariamente no soar da poesia. Poesia que não é mais vida, embora exista sonho – tudo passa sobre a terra.

Existem sociedades cujas estruturas de poder, de certo modo, tornam obrigatória uma mentalidade idealista-otimista nos produtores de arte, literatura e de cultura. Nesse caso, estudado aqui, os poderosos franzem o cenho todas as vezes que artistas, escritores, filósofos e, eventualmente, também cientistas, introduzem, na esfera do debate público, aspectos da vida humana que contrariam os ideais do cânone público consentido. O tratamento explícito de aspectos da realidade natural e social, que contrariam o ideal apresentado como real é percebido como perigoso para a ordem estabelecida.

Acordada com Elias, quando afirma que o desenvolvimento das relações de poder nas sociedades estatais industrializadas dos séculos XIX e XX – com muitos contratempos

e rupturas – permitiu a descoberta e a introdução, na discussão pública, de aspectos da existência humana que contradizem tanto o ideal tradicional quanto os desejos reais das pessoas. Em todo caso, o conflito entre ideal e realidade ou, ainda, a lamentação pelo sonho perdido ou, ainda mais simplesmente, pelo lado indesejável da existência humana tornou-se, em conformidade com isto, um dos temas permanentes da corrente discussão literária, artística e, em parte, também, filosófica. (Elias, p.46-47).

Ainda para este autor, pode-se dizer que, no decorrer de um conflito longo e muitas vezes exasperado, produtos culturais que obedecem à trindade tradicional do bom, do belo e do verdadeiro, costumeiramente associado a um tom otimista, perderam sua supremacia sem, no entanto, desaparecer. Produtos culturais que representavam abertamente a disputa, o conflito e todos os múltiplos e recalcados aspectos da realidade humana; anteriormente considerados tabus; passavam agora, à revelia de si mesmos, a imperar, com freqüência, associados a um pronunciado pessimista (Elias, P.47).

O feio, o falso, o mau e o selvagem do mundo tornaram-se, então, matéria prima da "boa literatura", das *belles lettres* e, mesmo, da boa poesia, como as de Alencar. Ao mesmo tempo, torna-se clara a mudança nas relações de poder entre escritores e público. Nessa fase do desenvolvimento da sociedade anunciava a passagem para uma nova mentalidade, uma mudança na estrutura da personalidade social, era a transformação do cânone social da produção cultural que agora entrava na ordem do dia.

Talvez seja exagerado compreender que se dispõem esses sinais bem definidos em uma visão de fantasia que, para o espírito da época, estava longe do convencional e, são tudo, menos inequívocos. Para Elias, talvez a *Peregrinação de Watteau à ilha do amor* deva sua singular força de atração justamente á arte com que Antoine Watteau fornece ao olhar do espectador sinais inequívocos, no estilo de sua época, daquilo que pode ser visto no quadro, assim como Leonardo Da Vinci, que, deliberadamente ou não, com seu retrato da Mona Lisa, apresenta, de um lado, uma figura de contornos bem definidos e, de outro, uma atmosfera absolutamente difusa, deixando ao espectador espaço para sua própria fantasia. Watteau associa na criação do quadro, a representação de pessoas facilmente reconhecíveis a um ambiente não tão facilmente compreensível que, por seu sentido, acaba também afetando o estado de espírito das pessoas. De fato, pertencem às características particulares do quadro suas diferentes interpretações ao longo do tempo e, em sentido mais amplo, também a transformação das atmosferas que se ligam ao que está representado.(Elias, p.23).

A mudança na atmosfera dominante das belas para as terríveis utopias, do ideal para o pesadelo, certamente não se realizou de uma só vez. Trata-se de um processo que se consolidou apenas no século XX. Entretanto, ela nos mostra com clareza o quão radicalmente mudou a norma do gosto. Não é impensável que, mesmo em épocas pregressas, indivíduos sentissem nojo de seus desejos e de seus corpos. Mas se esse tipo de sensação existiu, raramente era considerada um tema apropriado para um poema. Em todo caso, em livros de penitência e devoção de épocas anteriores ressoam, ocasionalmente, esses motivos. Contudo, um homem grita sua miséria ao mundo na forma de um poema muito habilmente trabalhado, que talvez não esteja entre os melhores do poeta, mas que exatamente por isso, fala aos homens, expõe a miséria de um homem. Trata-se, em outras palavras, de uma ampliação do espaço de identificação humana. Estamos falando de Baudelaire (citado por Elias), que teve conhecimento do quadro de *Citera* e para sua interpretação escreve "As Flores do Mal", cuja norma dominante encontra-se na expressão da *Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*.(Elias 52).

Anteriormente a tendência dominante era dizer que o amor, assim como a ilha da deusa do amor, era algo belo e auspicioso, ainda que a viagem até lá fosse difícil e cheia de perigos, e a própria ilha muito difícil de ser alcançada. Já na versão mais antiga que se

conhece da Peregrinação a *Citera*, morada da deusa do amor, em um livro de Francesco Colonna (*Hypnerotomachie*), do século XV, a união dos amantes é apresentada na forma de um casamento sancionado não pela Igreja, mas pela deusa pagã do amor, ao mesmo tempo como o ápice da felicidade e o fim de todos os problemas dos amantes. O casal que empreende a peregrinação à ilha da deusa do amor torna-se então, segundo os rituais do culto Vênus, finalmente unido. A utopia dessa peregrinação deixou claro o protesto secreto contra a reivindicação de monopólio por parte da Igreja na legitimação do casamento. O tratamento reiterado desse tema fala por si. Na prática da vida social, o monopólio religioso e estatal da legitimação do amor, na época em que floresce essa utopia, estava absolutamente intocado e parecia intocável, ainda que, por debaixo das cobertas, estivesse sendo violado. (Elias, p.53).

b) A peregrinação das mudanças sociais

Elias faz uma análise dessas mudanças sociais afirmando que assim como as ideologias, as pessoas mudam também o seu gosto artístico. Porém entre os especialistas, ainda é amplamente difundida a noção de que a mudança de gosto na arte e na literatura pode ser compreendida e esclarecida independentemente de transformações na sociedade e, particularmente das relações do poder.

Essa crítica se faz presente já que no próprio quadro de Watteau o conceito de *Belo* sofre uma reviravolta principalmente na fase pós-revolução, onde a burguesia detinha o poder e não fazia do "bom gosto" um valor primordial da nova ordem social. A preocupação com o capital, o proletariado e a nova condição "Burguês" encontrava-se em primeiro lugar no atual momento. Sendo assim, mudou o papel de quem produzia e quem consumia arte. Por fim, analisando o ensaio de Elias é perceptível a mudança de mentalidade da sociedade a partir de seu contexto histórico, político e econômico. Essa remodelação faz com que cada período seja caracterizado de maneira singular, visto que o ser social está em constante interação com o seu meio e as variantes intrínsecas e extrínsecas que o cerca. A ideologia vem munida de meios de alcance eficazes que visam atingir o maior número de pessoas em menor tempo possível. Para darmos continuidade ao objetivo deste ensaio, delimitemos agora a sexualidade no contexto social ao longo dos séculos, visionando analogamente e precisamente as mudanças dos cânones sociais.

c) A Heterossexualidade como Verdade Absoluta

Katz no livro "A Invenção da Hetero Sexualidade", traz consigo questionamentos a respeito da origem da heterossexualidade, propondo que toda a formulação deste aparato ideológico venha exatamente do fato de nunca ter sido questionado (ou pelo menos não com freqüência) a origem dessa classificação taxionômica hetero/homossexual. Para Katz³, "a heterossexualidade significa um arranjo histórico particular dos sexos e seus prazeres."

Ainda, para Katz: "Geralmente supomos que a heterossexualidade é tão antiga quanto à procriação e a luxúria de Adão e Eva, eterna como o sexo e a diferença entre os sexos e daqueles primeiros seres humanos. Imaginamos que é essencial e imutável e não tem história." Partindo dessa premissa, Katz aborda a importância de se estudar não só o homossexual (ou a homossexualidade), mas também o heterossexual e sua história. Sua análise demonstra ainda pontos nos quais esse questionamento a respeito da origem da sexualidade esbarra: a) a heterossexualidade como forma de procriação; b) a relação perpétua é homem e mulher; e c) o prazer físico tem que ser proporcionado pela união

³ KATZ, Jonanthan Ned. *A Invenção da Hetero Sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

hetero. Sendo assim, façamos uma análise comportamental humana com relação a esse tema, começando pelos gregos.

c) O Amor Terreno e Celestial antes da Heterossexualidade

Um exemplo de uma sociedade não heterossexual é a da Grécia antiga, analisada pelo historiador francês Michel Foucault⁴, que alerta nos perigos de classificar a sociedade grega nos padrões heterossexual e homossexual, visto que são visões muito diferentes. Em textos, aparecem relatos de intimidades entre homens livres com mulheres e rapazes. Foucault salienta que há uma hierarquia entre o *amor terreno* inferior dos homens livres concentrado nos atos, e o seu *amor celestial*, definido por uma apreciação da beleza dos rapazes, objetos superiores. Aquela distinção entre amor terreno e celestial é muito diferente do nosso contraste entre heterossexual e homossexual.

d) Procriação Maximizada e o Pecado Sodomítico

Outro exemplo de uma sociedade não modulada pela linha heterossexual são as colônias da Nova Inglaterra nos anos de 1607 a 1740. Influenciados pela necessidade de reprodução (já que o contingente populacional era pequeno), a procriação foi adotada como forma de aumentar a força de trabalho, adotando algumas medidas: casava-se mais cedo a fim de ampliar a faixa de natalidade; todo e qualquer ato que atrapalhasse essa ordem reprodutiva era alvo de retaliações que muitas vezes culminava até em morte através da forca; a sodomia, a bestialidade e a masturbação eram motivos para tais punições.

O adultério também era considerado crime, embora não interferisse no processo procriativo, feria a "ética" e a "moral" cuja qual estava sobre a supervisão da igreja. A criminalização da masturbação era atribuída ao fato do homem "desperdiçar as suas sementes", e para as mulheres, não era considerado um crime (nem na masturbação, nem na relação com outra mulher), visto que não atrapalhava seu desempenho reprodutivo. Segundo Katz: "Nessas colônias, o desejo erótico por membros do mesmo sexo não era visto como um desvio, porque o desejo erótico por um sexo diferente não era visto como uma norma. Mesmo dentro de um casamento, nenhum objeto erótico do outro sexo era por si mesmo totalmente legítimo"(KATZ, 1996. P.13).

Sendo assim, essa sociedade é outro exemplo de não modulada pela distinção heterossexual/homossexual. Na Nova Inglaterra, a sodomia era um paradigma ruim de energia desperdiçada num prazer não produtivo.

e) A Organização dos Sentidos no Início do Século XIX

A América do século XIX, de cerca de 1820 a 1850, é uma terceira sociedade não organizada segundo nossa lei heterossexual. Podemos considerar que nesta fase, as mudanças no cânone social sexual já davam indícios de sua nova ordem. Isto porque, a classe média da burguesia defendia a pureza sexual como um fator de distinção com relação às outras classes. Segundo Katz: "Somente no final do século XIX a classe média conquistou o poder e a estabilidade que tornaram-na livre para afirmar publicamente, em nome da natureza, a sua própria heterossexualidade. A criação da classe média e a invenção da heterossexualidade andaram de mãos dadas."(KATZ, 1996. P. 24)

⁴ Os comentários de Michel Foucault estão presentes do princípio ao fim dos segundo e terceiro volumes de seu *History of Sexuality* (A História da Sexualidade – Ed. Graal, 1986).

Nesse período o *amor romântico* incluía a atração sexual e deixava de fora o coito. Surgiram as carícias também nessa época e o *erotismo* se tornou expressão de amor. Aterse apenas ao amor verdadeiro era um modo importante pelo qual a classe média se distinguia da supostamente classe alta e da animalesca classe baixa. O verdadeiro amor era um sistema hierárquico dominado por um sentimento espiritual suficientemente forte para justificar o casamento, a reprodução e a sensualidade, que de outra forma era pecaminosa.

Também eram comuns as amizades românticas entre indivíduos do mesmo sexo, fato que até o final do século XIX não era considerado homossexualismo, visto que essa classificação não existia ainda, embora neste mesmo século o antigo padrão do verdadeiro amor cedia lugar a um novo ideal erótico de sexo diferente chamado de *normal* e *heterossexual*.

f) A Construção do Instinto Sexual do Final do Século XIX

A mudança *comportamental* da sociedade do final do século XIX traz embutido em seus princípios, a moralidade de uma classe burguesa cada vez mais forte e que através dessa característica, nas palavras de Katz⁵, são "*eróticos quando a sós e discretos em público*."(KATZ, 1996.P.130). Esse erotismo não se aplicava apenas na relação homemmulher, mas também na relação entre homens – já que a relação entre mulheres não era considerada ato sexual, visto que ato sexual só era possível com a presença do *falo*. Na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, teóricos como Peter Gay, passam a questionar o fato de que o cânone do "*Amor Verdadeiro*" não existia mais na classe média burguesa e que a luxúria e a erotização dos sentimentos ficaram em seu lugar como pilar comportamental do final daquele século. A busca do prazer tornou-se o *elo* entre o ato sexual e a sexualidade.

A partir dessas mudanças, segundo Katz:

(...) a classe média do final do século XIX precisava nomear e justificar as práticas eróticas particulares que se tornavam mais comuns e reconhecidas. O interesse especial daquela classe se revelaria na proclamação de uma heterossexualidade universal. A *invenção da heterossexualidade* [grifo meu] nomeava publicamente, normalizava cientificamente e justificava eticamente a prática da classe média de prazer de sexo diferente. (KATZ, 1996. P.134)

Objetivando traçar um paralelo com a obra de Elias, temos aqui mais uma vez, a burguesia da classe média, influenciando ativamente os cânones sociais e transformando substancialmente a mentalidade de sua época. Sem dúvida nenhuma, a Revolução Francesa e a tomada do poder por parte da burguesia e a hegemonização desse poder, trouxeram revoluções em todos os campos e na estruturação ideológica da sociedade. Vejamos então a instauração da heterossexualidade.

g) Homossexualismo

Uma nova ordem eclode na sociedade – a separação entre - homo e hetero. Um surgimento dicotômico que une os diferentes e separa os iguais. Em 1862, o alemão Karl Heinrich Ulrichs⁶ inicia a cruzada ortofonográfica na criação de termos para justificar o novo cânone sexual na defesa do homem que amava homens e a ele, deu o nome de *Uranier* (ou *Urning*). O oposto de *Urning*, o homem de verdade (que amava mulheres) ele chamava de *Dionäer* (ou *Dioning*). Nesta nova expressão teórica, ficou explícita a idéia do amor entre iguais, mas o sentido social e a identidade ainda não seria uma visão comum e

⁵KATZ, Jonanthan Ned. *A Invenção da Hetero Sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996. ⁶ ULRICHS, Karl Heinrich. *The Life and Works of Karl Heinrich Ulrichs, Pioneer of the Modern Gay Movement* (Boston: Alyson,1988).

aceitável, ou seja, um amor sexual feminino por homens poderia existir em um corpo masculino, e um amor sexual masculino por mulheres poderia existir em um corpo feminino. Dessa forma, não poderiam ser considerados errados, visto que esses sentimentos eram inatos.

Consequentemente, não demorou muito o aparecimento dos termos "heterossexual" e "homossexual". Porém o significado dessas palavras tinha um contexto diferente inicialmente. O conceito homossexual, inventado em 1869 nos Estados Unidos, seria o correto – o homem que amava as mulheres. Já a primeira aparição do termo heterossexual ocorreu em 1892 que segundo Katz, "Heterossexual não era equiparado aqui a sexo normal, mas a uma perversão que se manteve na cultura da classe média até a década de 1920." Assim sendo, o motivo pelo qual os heterossexuais eram considerados perversos, era a suposta condição do que foi chamado de hermafroditismo psíquico. Essa síndrome presumia que os sentimentos tinham um sexo biológico. Os heterossexuais sentiam atração física masculina por mulheres e a chamada atração física feminina por homens. O hetero inicialmente era considerado aquele que possuía seu desejo sexual por ambos os sexos. Esse comportamento era considerado um desvio sexual e erótico.

Em 1893 surge um novo termo, o *hetero-sexual*, de Richard Von Krafft-Ebing⁷ que tratou a questão sexual como patologia, no caso a psicopatologia, dando ao seu novo termo o significado utilizado atualmente - reprodutivo e sadio. Krafft-Ebing considera o hetero-sexual o indivíduo que detém o desejo por pessoas do sexo oposto, dando vigência à normalidade pró-criativa. A partir deste conceito, o homo-sexual passa a ser aquele que tem desejo pelo indivíduo do mesmo sexo, o patológico que se volta contra o paradigma da reprodução. Logo, James G. Kiernan⁸ classificou os homossexuais absolutos como invertidos que se rebelaram contra sua própria masculinidade ou feminilidade, e em contra partida (e de forma ainda mais anormal), a heterossexualidade que contrariavam as normas reprodutivas embora sentisse na ambigüidade de seus desejos um impulso complexo pelos dois sexos, tornando-se assim os pervertidos da sociedade.

A classificação de Krafft-Ebing é exatamente o ponto de transição entre a heterossexualidade vinculada à reprodução do final do século XIX e erotismo desvinculado da reprodução e dedicado ao sexo oposto do século XX, transformando mais uma vez o cânone da sexualidade e trazendo-o para o mais próximo à realidade contemporânea. Neste contexto, parte da psiquiatria o papel de transformar a heterossexualidade como conceito de normalidade, travando uma "batalha" contra a homossexualidade na tentativa de "recuperar" os desviados através de métodos, muitas das vezes, nem um pouco convencionais. Um dos principais nomes foi Sigmund Freud.

h) Contribuição Seminal em Freud

Freud chega ao século XX como precursor das teorias da auto-satisfação sexual erótica e a busca da felicidade através do prazer heterossexual. Essa teoria vem de encontro com o desprendimento que a classe média burguesa tanto buscava - o rompimento com o "Amor Verdadeiro". O prazer torna-se necessidade humana, desde que dentro de uma moralidade heterossexual. Freud fazia o uso da psicanálise para o estudo dos comportamentos libidinosos e através de sua análise permitia a "cura" de determinados desvios psíquicos. Para ele os homossexuais eram pessoas que não amadureceram psiquicamente, já que sua teoria tratava o estágio da infância e amadurecimento como evolução do ser humano, ou seja, identificou na criança a paixão por pessoas do mesmo sexo, vindo de sua proximidade com esse indivíduo (principalmente no caso das mulheres),

٠

⁷ KATZ, Jonanthan Ned. A Invenção da Hetero Sexualidade. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

⁸ KIERNAN, James G. Responsability in Sexual Perversion. Chicago Medical Recorder, 1892.

o que era uma fase passageira, e logo, com o amadurecimento essa paixão se voltava para o indivíduo do sexo oposto. Seria então assim necessária a criação de métodos para não incorrer no risco do *desvirtuamento* do futuro heterossexual. (KATZ, 1996. 156)

Inserido nesse contexto, a delimitação dos papéis na sociedade segundo Freud, deveria ser o domínio do homem, visto sua virilidade e atividade por conta da posse de seu *falo*, e a passividade da mulher como ser fêmea a coloca um patamar abaixo, porém mereceria servir ao macho. Parte de Freud, também, o conceito de que heterossexualidade é sinônimo de normalidade e com esse discurso, interpenetrou nas discussões médicas aos meios de comunicação de massa dos Estados Unidos e Europa. Segundo Katz, "(...) a idéia heterossexual passou de anormal para normal, e de normal para normativa."(KATZ, 1996. P. 156)

i) O Triunfo da Heterossexualidade no Século XX

A mentalidade do início do século XX trouxe do final do século anterior a missão de converter aqueles que manifestavam *impulsos eróticos anormais* (homossexuais) para a moralidade de um tipo de sentimento digno (heterossexuais). Os pós-freudianos tiveram o papel de trazer a heterossexualidade de vez como "a forma normal de relação". No início, essa nova ordem era ligada ao reprodutivo e aos poucos a ideologia heterossexual foi totalmente desvinculada à reprodução e apenas o fato do erotismo homem/mulher bastava como argumento contra as relações homossexuais. O heteroerótico passa a ser relacionada à normalidade e ao verdadeiro instinto humano.

Essa nova ordem aguçou ainda mais a supremacia masculina como o chefe da sociedade e essas transformações trouxeram outra identidade emergente do século XX – o Feminismo que será tratado aqui neste ensaio, como uma das vertentes que questionou essa nova ordem heterossexual e dominada pelo sexo masculino. Na maioria das vezes as Feministas eram acusadas de serem homossexuais femininas (lésbicas) o que as afastou dessa classe que também brigava pela igualdade dos sexos e seus direitos quanto a serem homossexuais.

A mídia passa a executar o papel de veicular essas verdades heterossexuais, e outros seguimentos como peças teatrais e livros o vilão é sempre aquele ligado ao desejo homossexual, e o mocinho é o heterossexual que se casa com a mocinha e vivem felizes para sempre. A característica de não se questionar a origem da heterossexualidade e se realmente essa divisão foi benéfica à sociedade passou a ser camuflada sobre o discurso de que é uma verdade imutável e instintiva e que o homossexual é o culpado do próprio preconceito que o atinge já que ele (o homossexual) é quem foi contra a sua natureza.

Trago agora o seguinte questionamento: Levando em consideração que a heterossexualidade foi uma invenção da própria sociedade, seria realmente algo tão absoluto assim? Como podemos observar as mudanças dos cânones sociais em Elias e na própria história da sexualidade, poderíamos esperar algo novo no século XXI? Perguntas como estas deixam em aberto a discussão, visto que a partir da década de 1980, o homossexual passou a ter espaço para tais questionamentos (embora esse processo caminhe de maneira vagarosa), adquirindo a possibilidade de reivindicar seus direitos.

Considerações – O Século XXI Será Homo?

A problemática envolvida neste ensaio traz o referencial de dois autores que analogamente travam o mesmo questionamento: Até onde a sociedade pode transformar o que é permitido em usurpação e o que já foi pecaminoso em deleite? Com que bases ideológicas a ruptura acontece na fragilidade e vulnerabilidade destas modificações? Tanto

no quadro de Watteau, quanto na história da heterossexualidade o que percebemos é que o campo cultural, político e econômico andam juntos e influenciam de maneira ativa a sociedade. Assim sendo o questionamento que hoje é feito será respondido de acordo com os acontecimentos do século. Vemos na televisão, internet e jornais um pedido de paz – não somente no campo de batalha literal – mas também na convivência com as particularidades e individualidades de cada um.

O pedido de aceitação por parte dos diferentes e dos iguais – dicotomias – das desigualdades – o homossexual se confunde com a banalização dos protestos que de início tinham seu caráter sério e reivindicatório e agora se perde no *glamour* da Parada Gay! Os motivos são esquecidos e crucificam não somente minorias, mas, comunidades inteiras no confronto de ideologias, de gênero, de opção sexual, de cor, credo e sons! Temos evoluções, é claro.

Nada mais continua inviolável, inquestionável, porém, ninguém mais é aceitável. Por que as pessoas têm que ser rotuladas pelo *o que* são e não por *quem são*? Qual será a ordem deste século? O hetero? O homo? O bi? O pan? Não existe e nunca existirá uma verdade absoluta sobre o futuro do comportamento social, apenas possibilidades.

Tratar uma questão social e humana desta maneira pode ser um erro. A individualidade de cada um e o conjunto dessas singularidades é o que formam a sociedade e não apenas seres biologicamente classificáveis. Elias, como um dos principais estudiosos desse processo de transformação nos presenteia com a definição dos "cânones sociais"; e dessa forma, outros virão e tentarão prever as tendências do futuro com o estudo do passado. Acredito que a definição da mudança dos cânones de uma sociedade, pode ser balizada também com a expressividade de Raul Seixas: Uma inconstante *Metamorfose Ambulante*!

Referências

ELIAS, Norbert. *A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2005.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.

KATZ, Jonanthan Ned. *A Invenção da Hetero Sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.

KIERNAN, James G. Responsability in Sexual Perversion. Chicago: Medical Recorder, 1892.

KOWALSKI, Marizabel. Aproximações Sobre o "Corpo" (2005).

ULRICHS, Karl Heinrich. The Life and Works of Karl Heinrich Ulrichs, Pioneer of the Modern Gay Movement. Boston: Alyson, 1988.